Ana Moreira – MENDONÇA, José Tolentino (2020), *O que é Amar um País. O Poder da Esperança,* Lisboa, Quetzal Editores. ISBN: 978-989-722-709-7, 136 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 12 nº 1 2022. 168-171. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist12_1r2

MENDONÇA, José Tolentino (2020), *O que é Amar um País. O Poder da Esperança,* Lisboa, Quetzal Editores. ISBN: 978-989-722-709-7, 136 pp.

Ana Isabel Moreira
CITCEM
ana_m0reira@hotmail.com

Tolentino Mendonça, por entre referências a personalidades de tempos vários, como Camões ou Bauman, a símbolos da religião cristã, como Jesus Cristo ou o Papa, ou pela intertextualidade com o cinema e a pintura, conta ao leitor aquilo que é *Amar um País*. Sobretudo, pelo *Poder da Esperança*.

Cento e vinte e três páginas que ultrapassam a fronteira daquele que foi o seu discurso aquando das comemorações do dia 10 de junho de 2020. Esse apenas compõe a primeira parte do livro, com o qual compartilha o título.

O cardeal principia pela referência à individualidade de cada português, ainda representante de um todo, Portugal. E de entre aqueles destaca, nestas primeiras linhas, o poeta maior, Camões, que no século XVI "desconfinou Portugal" (p.13). Porque, também outrora, os portugueses participaram num projeto amplo e de construção paulatina. Porém, nas várias épocas, a crise fez-se real, não se traçando, de facto, "itinerários históricos sem crises" (p.14). Apesar dessa narrativa, Tolentino Mendonça sublinha os valores humanos e a necessidade de serem sempre presente.

Adianta, depois, sobre a identidade nacional desenhada por cada cidadão, duas opções para *amar um país*: pela força, quando o mito e a glória prevalecem ou pela fragilidade, quando a realidade dos factos não é branqueada. E no ainda atual cenário, de pandemia, aquele amor último, com compaixão e fraternidade, permite que descubramos, no meio da tempestade, o rumo a seguir. Um rumo que tem de abranger certo pacto comunitário, porquanto "a raiz da civilização é a comunidade" (p.20). Do *eu* precisamos de alcançar o *nós*, num sentido histórico, ético e espiritual, numa solidarização com todos aqueles que fazem um país, sejam os imigrantes que ali vão fundar raízes ou os mais velhos, os mediadores entre os mais jovens e o saber. Sendo a vida "um valor sem variações" (p.24), tal ligação intergeracional só pode acontecer, a par de uma outra, a

Ana Moreira – MENDONÇA, José Tolentino (2020), *O que é Amar um País. O Poder da Esperança,* Lisboa, Quetzal Editores. ISBN: 978-989-722-709-7, 136 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 12 nº 1 2022. 168-171. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist12_1r2

ambiental, destacando o autor a interconexão entre tempos distintos e, por isso, a essencialidade de entendermos a ecologia do mundo.

Esta parte inicial termina com a explicitação de *uma viagem que fazemos juntos*: portugueses aptos a constituir uma comunidade aberta e justa, de liberdade e corresponsabilidade. Com raízes múltiplas e sem barreiras temporais.

A parte dois apropria-se do subtítulo do livro, *o Poder da Esperança*, e clarifica-o em diversos pontos. São parágrafos breves que cruzam uma realidade contemporânea incontornável com alusões ao passado mais ou menos longínquo. Porventura, para não se esquecerem as eventualidades do futuro.

Desde logo, o teólogo orienta o pensamento do leitor sobre um mundo que "não é tão inabalável como acreditávamos" (p.34). Os perigos, os desastres, os conflitos não estão lá longe, antes são deste momento a distopia, a imprevisibilidade ou a confusão, que se disseminaram, sem aviso prévio, nas impreparadas sociedades do hoje. Assim, aí mesmo emerge a necessidade do uso de parábolas. Por exemplo, algumas obras literárias do século passado, como *A Peste* (de Camus) ou *Ensaio sobre a Cegueira* (de Saramago), mobilizam-se, agora, para estabelecer comparações ou, somente, para conseguirmos explicar o que vai acontecendo em nosso redor. Se aquele primeiro texto da literatura internacional auxilia na reflexão sobre o mal e o simbolismo da resistência, o segundo, de autor português, centra a atenção no debate ético sobre a vida e o medo.

Depois, a menção é dirigida à reaprendizagem, porque, em circunstâncias complexas, a reinvenção, a adaptação, a interdependência podem tornar-se rotina. Na verdade, "todos contam" (p.37) e, atrevo-me a acrescentar, aprendem. Seguem-se as referências à distância e à proximidade, conceitos tão comuns nos últimos meses, que enformam a ética da existência, mas a precisarem "de ser purificad[o]s" (p.41). As modalidades do tempo fazem também parte da listagem de Tolentino Mendonça: o cronológico, acelerado todos os dias e impossível de ser *esticado* e *o tempo de* ou *o tempo para*, composto por momentos que só têm de ser usufruídos. A experiência da quarentena terá sido fundamental não para que a nossa cronologia fosse manietada, antes para que entendêssemos a relevância de cada oportunidade. Evoca-se, ainda, uma "vida que é mais do que a materialidade necessária à

Ana Moreira – MENDONÇA, José Tolentino (2020), *O que é Amar um País. O Poder da Esperança,* Lisboa, Quetzal Editores. ISBN: 978-989-722-709-7, 136 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 12 nº 1 2022. 168-171. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist12_1r2

sobrevivência" (p.45) e, por conseguinte, a perspetiva de que o frigorífico cheio não é suficiente se, a par disso, não se atentar para além do imediato, do aqui, do individual.

Quase no final desta parte, a esperança explicita-se pelas histórias de amor protagonizadas pelos cuidadores com capa de profissionais de saúde, agentes de autoridade e segurança, pequenos comerciantes do quotidiano, ou seja, os "heróis desta história coletiva" (p.49). O epílogo ganha contornos de mãos (religiosas e laicas) que ilustram a fé reencontrada como "a primeira oração global do século XXI" (p.53).

A terceira parte reforça aquela esperança nas páginas anteriores já vertida em ponderações concretas, nomeadamente pelo seu título, *Do tempo da calamidade ao tempo da graça.* De novo, são uns quantos tópicos, concisos e diretos, que permitem essa intertemporalidade por ali sugerida.

Parte-se da *vida em tempos de coronavírus*, pois, com efeito, em 2020, "o controlo tornou-se um mito das nossas sociedades" (p.58). Vivíamos até então no seio de automatismos ou facilidades e, de repente, a exposição ao destino assumiu-se como real, comportando marcas de angústia social extrema ou de um certo poder de resiliência. Sob o mote "os livros são salva-vidas para todos os tempos" (p.61), o poeta esclarece o que, no contexto em causa, tem sido a *libroterapia*. A criação de alternativas para que ninguém ficasse apartado do contacto com os livros, como leituras transmitidas em *streaming*, entregas ao domicílio, valorização dos textos sagrados. Pelas suas palavras, o autor reforça que *não é uma mentira a primavera*, apenas que há uma vida em ajuste permanente e, como tal, precisamos de compreender o que vai acontecendo: as alterações ambientais, o consumismo crescente, uma ação em conformidade com a vida e não condicionada pelo medo de morrer.

A visão teológica não se negligenciou e, por isso, alude-se à Semana Santa de 2020. Por entre diferenças e semelhanças face a outras épocas históricas, e dada a "confiscação da existência" no momento em curso, distingue-se o "não confinamento de um Deus que abraça todos" (p.72). Sobre a *pergunta decisiva* que se coloca em relação ao depois da pandemia instalada, Tolentino Mendonça socorre-se de axiomas esperançosos para apontar a reconstrução após a catástrofe e o trauma. Todavia, sublinha a necessidade maior de se buscar o real sentido da vida. Revisita, ainda, perspetivas anteriormente desenvolvidas,

Ana Moreira – MENDONÇA, José Tolentino (2020), *O que é Amar um País. O Poder da Esperança,* Lisboa, Quetzal Editores. ISBN: 978-989-722-709-7, 136 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 12 nº 1 2022. 168-171. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist12_1r2

como a velhice e a sua honradez, aprofundadas pelo reconhecimento do papel social dos mais velhos. Ou acresce novas conceções, como a solidão dos jovens, cheios de medos e incertezas, afastados dos seus pares; o sentido do conceito de *normalidade*, mais próximo da ponderação sobre o que mudou e o que devemos preservar; as consequências do distanciamento social, às vezes afastamento, outras vezes reencontro.

Por fim, partilhando um diálogo que estabeleceu com o também escritor português Gonçalo M. Tavares, Tolentino Mendonça evidencia as interseções entre o distópico e o utópico, na vida humana. Num mundo rebuscado e inaudito, a proximidade pode alcançar-se pela oração ou pela imagem, a surpresa é fonte de aprendizagem e o tempo percebe-se. Depois, há a arte, aquela que deriva da criatividade, e aquela outra, *da resistência*. Ambas permitem encarar um "tempo em que o coração humano precisa de ser consolado" (p.123), inclusive pelo belo.

Lê-se, nesta obra, um presente escrutinado nas suas fragilidades e nas suas potencialidades. Visitam-se tempos pretéritos quando, por exemplo, o resistente carvalho-roble povoava as florestas de Portugal. Numa outra direção, equaciona-se um futuro que tem de ser de esperança. Tolentino Mendonça não permite que não o seja.